

ENTREVISTA

Franck-James Marlot – Olhando as fotografias de Anna Mariani¹, que são apresentadas quase como um inventário etnográfico de casas com fachadas coloridas e decorações geométricas no estado de Pernambuco, eu entendo que sua “iniciação” à geometria vem de muito mais do que seu conhecimento histórico do concretismo e neoconcretismo. Conte-me sobre essas influências iniciais e quando você se tornou consciente da importância dessa herança e plástica arquitetônica.

Macaparana – Em primeiro lugar, o *Pinturas e platibandas* é um livro muito importante e quando o vi pela primeira vez, fiquei tocado e comecei a pensar que todo aquele universo já estava na minha mente porque durante a infância eu tive um relacionamento muito próximo com ele. Lembrei quando meu pai, tios e parentes ligavam para o pintor de paredes para discutir cores para as fachadas antes das festividades. O universo geométrico sempre foi uma parte importante da minha vida porque estava em todo lugar, durante o carnaval, nas decorações das ruas, em parques de diversão, arte tribal e outros.

Mas em que momento você se tornou consciente da existência de movimentos geométricos que tinham atravessado o século XX?

Meu primeiro contato com a arte geométrica foi um processo e um relacionamento muito natural, uma vez que estava muito presente na vida. A primeira vez que ouvi falar de concreto e neoconcreto, já estava morando no Rio de Janeiro. Quando comecei a pintar, tinha entre 15 e 16 anos e minhas primeiras referências eram os padrões figurativos que costumava misturar com elementos geométricos, mas de um jeito muito informal e livre, usando fósforos coloridos.

O tempo da inocência... e das descobertas...

Naquela época, no Rio de Janeiro, eu tinha contato com vários artistas e estava muito interessado em saber tudo sobre o trabalho deles. Costumava ir a todas as aberturas de exposições e conversar com os artistas e saber sobre todas as novas experiências e sobre as últimas notícias na arte em geral. Para mim era um mundo novo, já que eu era muito jovem e muito curioso sobre tudo ao meu redor.

Há um artista que teve uma grande importância desse o começo e que influenciou sua série com madeira reciclada e *assemblages*.

Joaquín Torres García foi uma descoberta e uma experiência incrível para mim! Quando vi o primeiro trabalho dele, logo me lembrei da minha infância e adolescência em Pernambuco, por causa de todos os símbolos, das referências que são parte de minha vida. Todos os elementos e símbolos eram muito familiares para mim. Foi uma experiência tão forte que comecei a trabalhar com cores, elementos e formas parecidos porque me sentia tão confortável e conectado ao universo desse uruguaio, que parecia muito natural. Por uns cinco anos, usei papel, madeira e tela e montei várias exposições quase como um tributo a ele.

E quem foram os artistas que o receberam em São Paulo?

Em 1973, decidi vir para São Paulo e foi uma mudança muito grande e importante, porque mesmo que as duas cidades sejam tão próximas, São Paulo era completamente diferente do Rio de Janeiro, sobretudo no que diz respeito à vida cultural e ao estilo de vida. Um de meus primeiros contatos aqui em São Paulo foi com o artista concreto Antonio Maluf, que foi um homem

¹ Livro oferecido a mim, por um amigo em comum, intitulado *Pinturas e platibandas*, da fotógrafa Anna Mariani. O livro tem textos de Ariano Suassuna, Caetano Veloso e Jean Baudrillard e as fotos são, em sua maioria, de fachadas de casas simples. MARIANI, Anna. *Pinturas e platibandas*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 1987.

muito importante e com quem eu aprendi muito. Aqui em São Paulo eu tive contato com todos os artistas e frequentemente encontrava-os em galerias e ateliês.

Qual é a história sobre o relacionamento com Willys de Castro e Hércules Barsotti, que se tornaram seus amigos?

Em 1982, tive meu primeiro contato com ambos. Naquela época eu estava trabalhando em uma série de novas obras, usando e explorando elementos, pinturas e desenhos geométricos e comecei a fazer alguns experimentos com madeira, compensado e metal. Morava em um apartamento próximo a vários prédios antigos e também perto de uma estação de metrô que estava em construção. Casas estavam sendo demolidas e havia muitos pedaços de madeira em todo lugar e comecei a apanhá-los. Levei todos que consegui ao meu estúdio. Então decidi fazer minhas primeiras esculturas e mostrá-las a Willys, perguntando a ele o que pensava sobre isso, já que era uma coisa muito nova para mim. Meu relacionamento com Willys e Hércules foi um dos mais importantes e decisivos de minha vida, porque foi a partir de então que decidi continuar com a abstração geométrica e passei todo o tempo em meu estúdio estudando, fazendo experimentos com diversos tipos de materiais, suportes e por aí em diante.

Quando Barsotti oferece a você um pequeno trabalho em papel de Alfredo Volpi, ele se torna a base para uma nova série de pinturas sobre a rotação do quadrado (série Volpi, 2013). É uma extensão possível da vida de um trabalho reencarnar no trabalho de outro artista?

Eu amo aquele trabalho de Volpi. Ele estava em minha mente e pensava que um dia podia fazer algo inspirado nele. Anos se passaram e um dia comecei a fazer alguns rascunhos e, de repente, decidi fazer o primeiro. Quando percebi, já tinha feito oito obras. Admito que foi uma experiência fantástica para mim, quando vi todos juntos fiquei muito feliz com o resultado. Mas quero apontar que foi uma situação muito íntima entre eu e o trabalho de Volpi, vivendo com ele todo dia. Acho que, quando você vive todo dia tão próximo a uma obra de arte que ama tanto, é quase inevitável que ela vá aparecer um dia em seu próprio trabalho. Influência e afinidades sempre foram uma coisa natural e bela entre artistas. Eu nunca tive nenhum tipo de questões ou dúvidas sobre isso.

Os conjuntos de cerâmicas Marúbos com os padrões geométricos preto e brancos, os balaios de mandioca dos Baniwa, decorados com pinturas, as máscaras africanas dos povos Dogon, Fang e Baulê que constituem seu ambiente diário, são de alta qualidade plástica mas também carregados de uma história forte e única.

A arte africana e a arte indígena brasileira, com suas cestarias, cerâmicas e máscaras, vieram de culturas ancestrais e toda expressão de arte até hoje tem uma conexão muito forte, assim como música, pintura e dança. Toda a longa história da arte mostra para a humanidade que nada é completamente novo. Cada gesto e cada obra têm a mesma origem. Seria a inspiração subconsciente coletiva?

Elas são uma fonte de inspiração para o seu trabalho?

Acho que tudo é uma fonte de inspiração, de novas ideias. Você pode estar andando na rua e de repente vê o detalhe de um prédio o uso em seu trabalho. Ouvir música, assistir a um filme, a inspiração pode vir de qualquer coisa, em qualquer lugar. Para mim o mais importante é ter uma mente aberta e prestar atenção ao que nos cerca.

Então se sua atenção é sempre engatilhada por aquilo que o cerca, você agora concentra sua energia no trabalho em seu estúdio?

Hoje em dia eu passo todo o tempo em meu estúdio, sempre trabalhando, ouvindo música, lendo. Acho que no começo de minha carreira, eu era uma pessoa muito sortuda porque estava no Rio de Janeiro e depois em São Paulo, quando tive a oportunidade de conhecer e compartilhar a experiência com tantos bons artistas e pessoas muito gentis. Até hoje eu me sinto tocado e motivado por todas elas reunindo tudo que eu aprendi e que permitiu que meu trabalho fosse o

melhor possível. Tenho certeza de que o mais importante é permanecer aberto a aprender mais e mais e a procurar sempre, é um processo sem fim.

E hoje, qual é sua visão sobre a criação contemporânea?

Há uma nova geração muito boa de jovens artistas. Eu sempre presto atenção ao trabalho deles e especialmente em feiras de arte é possível senti-los de uma maneira muito forte e bela. É o renascimento, o novo jeito de fazer arte com cada vez mais liberdade.

Nessa exposição, temos o privilégio de ver algumas das obras de arte com que você vive. A coleção ideal existe em seus olhos?

Para mim, não há um jeito ideal de fazer uma coleção, o mais importante é seguir seus sentimentos e sempre ter com você o que ama e o que lhe faz se sentir bem, sentir prazer com cada escolha.

